

A AFETIVIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DO PROCESSO DERIVACIONAL DE SUFIXAÇÃO EM *O CABELEIRA*

Ageirton dos Santos Silva

Escola Técnica Federal da Paraíba

Av. 1º. de Maio, 720 - Jaguaribe - 58015-430 João Pessoa - PB

(083) 241 2200/ Ramal 221

Francisca Leite Vieira

Graduada em Letras - UFPB

Resumo

O presente trabalho estuda, sob uma perspectiva estilística, o processo de sufixação dos graus diminutivo e aumentativo da Língua Portuguesa, através de excertos do romance O cabeleira, procurando mostrar que a língua oferece diversos recursos expressivos para a sua realização.

1. Introdução

De maneira geral, o processo de derivação é, sem dúvida, um dos aspectos da língua de que mais se pode obter recursos expressivos. Basta que observemos alguns trabalhos dos nossos mais variados autores para constatarmos a veracidade dessa assertiva.

Sabemos, por exemplo, que os sufixos de diminutivo e de aumentativo de origem popular são utilizados mais freqüentemente para expressar sentimentos valorativos de afeto ou de desafeto na língua, do que mesmo para indicar as idéias proporcionais de pequenez e de grandeza.

Apesar disso, quase nenhuma referência tem-se feito sobre o uso expressivo desses sufixos no ensino da língua materna, como também é escasso o surgimento de trabalhos concernentes a esse aspecto.

Dessarte, propor-nos-emos a estudar em *O cabeleira*, romance romântico de Franklin Távora (autor do Romantismo brasileiro ligado à corrente regionalista), o valor estilístico do processo derivacional de sufixação (diminutivo e aumentativo),

demonstrando-o e analisando-o através de excertos da referida obra.

Para tanto, faz-se mister tecer considerações a respeito de Estilística e de estilo.

2. Estilística

De acordo com Martins (1989), a Estilística - surgida no século XX para substituir a retórica, que caiu em desprestígio em face da valorização do individual, do repúdio às normas estabelecidas e da imitação como princípio artístico com o advento do Romantismo no século XVIII - é uma disciplina voltada para o fenômeno da linguagem, tendo por objeto o estilo. Entretanto, como a autora reconhece, essa definição é deveras simplista.

Na realidade, dificilmente se chegará a uma definição universal de Estilística e de Estilo que satisfaça a todos que se ocupam da matéria. No entanto, há, na literatura lingüística, definições muito bem elaboradas sobre o assunto. Eis um bom exemplo, embora não contemple a Estilística literária:

“Estudo dos fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (Bally apud Dubois, 1988, p. 237).

Os verdadeiros impulsionadores da Estilística foram Charles Bally e Leo Spitzer.

Aliás, ambos lideraram as duas correntes da Estilística: Bally (1865 - 1947), doutrinador da Estilística da língua, e Spitzer (1887 - 1960), figura exponencial da Estilística literária.

A Estilística da língua ou da expressão lingüística ocupa-se da descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, opondo-se, portanto, ao estudo dos estilos individuais como pretendia a Estilística literária.

A Estilística de Spitzer é também chamada de: Idealista (por se prender à filosofia idealista de B. Croce e K. Vossler); Psicológica (por lhe interessar a psicologia do escritor) e Genética (por pretender chegar à gênese ou à origem da obra literária).

Há, ainda, outras correntes da Estilística literária e uma série de autores de grande importância nela inseridos que não estudaremos em razão da natureza deste trabalho.

3. Estilo

O termo *estilo* tem recebido ao longo do tempo inúmeras definições. No entanto, consoante Georges Mounin (Introdução à Lingüística) as diversas conceituações sobre o termo podem ser reunidas em três grupos:

- a) as que o consideram como *desvio da norma*;
- b) as que o julgam como *elaboração*;
- c) as que o entendem como conotação.

Eis algumas definições de estilo extraídas de Martins (1989; p.02-03) que consideramos bem elaboradas:

- a) “Estilo é a linguagem que transcende do plano intelectual para carrear a emoção e a vontade” (Mattoso Câmara).
- b) “Estilo é o que é peculiar e diferencial numa fala” (Dâmaso Alonso).
- c) “O estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva, ou estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura lingüística sem alteração de sentido. O que quer dizer que a língua exprime e o estilo realça” (Riffaterre).

4. Um caso de afetividade: o diminutivo

Do ponto de vista da expressividade, o diminutivo pode exprimir *carinho, ternura, humildade, delicadeza, cortesia, apreciação*; como também *depreciação, desdém, irritação, ironia, gozação e hipocrisia*. Pode exprimir ainda:

- a) *uma intensificação afetiva* quando associado a palavras que encerram idéias de pequenez, delicadeza ou graça e de algo desagradável (fofinho, piquitinho);
- b) *uma conotação de dó, simpatia* quando associado a palavras que exprimem algo lamentável, triste (pobrezinho, doentinho);
- c) *uma atenuação tolerante*, compreensiva a uma brincadeira (feinho, burrinho, velhinho, pestinha).

Na verdade, o sufixo **apenas** acentua o tom expressivo que o lexema já contém. Também é importante lembrar que essas conotações além de imprecisas, dependem de um contexto para apresentar uma significação mais definida. Uma mesma forma de diminutivo, por exemplo, pode assumir valores opostos, como *mulherzinha*, que tanto pode ser expressão de carinho como de irritação e desprezo.

O emprego de sufixos diminutivos com valor estilístico em *O cabeleira* é vastíssimo. Como não pretendemos ser exaustivos, destacamos apenas alguns exemplos:

- 1) “Mas (...) atirou ele sobre o primeiro que lhe ficou ao alcance o facão com tanta certeza, que o **pobrezinho**, cravado pelas costas, caiu banhado em seu próprio sangue” (Távora, 1988; p.27).

Observamos que o sufixo - *zinha* acrescenta ao lexema uma conotação de dó e piedade.

- 2) “Uma manhã um **rapazito** descorado parou à porta da bodega ...” (p. 23).

O sufixo - *ito* adicionado à frase reforça a idéia de que o rapaz é muito jovem.

- 3) “Ah, tu pões a boca no mundo, *caiporinha*? Observou José. Pois vou tirar-te a fala em um instante” (p. 28).

O sufixo - *inha* acrescenta-se ao lexema para reforçar-lhe o sentido pejorativo e a irritação do Cabeleira para com o menininho.

- 4) “(...) sangue copioso e quente gotejou como granizo sobre a areia e no mesmo instante o corpo do *inocentinho*, crivado de bala e chumbo...” (p.28).

É evidente a função estilística do sufixo derivacional -*inho* junto ao morfema lexical: acrescentar-lhe um matiz de dó, piedade e sofrimento.

- 5) “... se pareço mau, *Luisinha*, não é por mim” (p.43).

O aspecto carinhoso que o sufixo atribui ao nome Luísa é indubitável.

- 6) “Não satisfeita com semelhante desforra, Chica em um pulo ganhou a venda, e investiu com o inofensivo *matutinho*” (p.23).

Observe-se o quanto o sentido do lexema “matuto” foi ampliado à medida que se lhe juntou o sufixo diminutivo, intensificando, assim, as idéias de desrespeito e desdém expressas pelo radical.

- 7) “É, mamãe. Acho tudo *bonitinho*” (p.37).

O sufixo apontado no exemplo acima revela uma intensificação afetiva.

- 8) “Dê-me o meu bichinho, mamãe, - pediu José quase chorando” (p.39).

O sufixo -*inho* associado ao radical “bich- ” acrescenta-lhe uma conotação de carinho, serve como uma intensificação afetiva.

- 9) “Levo logo daqui capim bem verde para ele comer, e faço lá uma *caminha* no canto do meu quarto para ele dormir junto de mim” (p. 39).

No exemplo acima, a utilização do sufixo é quase que determinada pelo sentido

da oração. Dessa forma, além de exprimir a idéia de pequenez, também expressa afetuosidade.

- 10) “(...) Não achas vivos e bonitos os olhos do *preazinho*?” (p.39).

Como vemos, a palavra grifada denota ternura e carinho expressos pelo sufixo. Se observássemos todo o período, reconheceríamos outras utilidades do sufixo -*inho*: a conotação de dó e um caráter argumentativo para abrandar as idéias crudelíssimas do protagonista, pois tencionava matar o animal. Além disso, a utilização do sufixo, nesse caso, funciona como um item de persuasão, para que Joana (personagem adulta - linguagem árida) consiga, através da linguagem, nivelar-se a José Gomes (criança - linguagem afetiva), objetivando convencê-lo a desistir da idéia e a adotar bons costumes.

Ainda em relação aos diminutivos, Spitzer apud Martins (1988, p.115), esclarece que **os diminutivos revelam uma ternura com o idioma, um enamoramento da língua que acaricia as palavras como se fossem pessoas.**

5. Sufixos aumentativos

De acordo com Martins (1988, p.115), o aumentativo, mais frequentemente, apresenta valor pejorativo, acrescentando ou reforçando um sentido depreciativo, uma vez que aquilo que é de tamanho excessivo, na maioria das vezes, é tomado como feio, ridículo, grotesco e desagradável (cabeção, bigodarra, pezão, buchão). Os adjetivos desvalorizadores, com um sufixo aumentativo, são muito agressivos (bestalhão, estupidarrão, pobretão). Por outro lado, como se trata de linguagem afetiva, o mesmo sufixo de aumentativo pode ser valorizador, salientando *solidez, força, valor, conveniência e atributo admirável* (rapagão, companheiro, amigão).

Na língua portuguesa, o processo de sufixação pelo grau aumentativo apresenta

muito menos produtividade do que pelo grau diminutivo. Esse princípio também se manifesta em *O cabeleira*. Contudo, vejamos alguns exemplos:

- 1) “Deus! Quem é Deus, *toleirona*?” (p.41).

O sufixo *-ona* associado ao morfema lexical, que já possui um matiz desvalorizador, torna a palavra muito agressiva. Expressa também galhofa.

- 2) “Ainda me perguntas, mãe covarde que só sabes dar a teu filho lições de mofineza? Eu não quero meu filho para *chorão*”. (p.39).

O sufixo *-ão*, nesse exemplo, é bastante pejorativo, depreciativo. Na verdade, com a utilização desse sufixo junto ao radical “*chor-*” o pai zomba do filho e da criação que a mãe pretende lhe dar.

- 3) “As mãos de José porém pareciam, pela dureza e pelo peso, *manoplas* fundidas de propósito para esmagar um gigante” (p.24).

Sobressalta-se aos olhos e à emoção o valor expressivo do vocábulo “*manoplas*”.

O sufixo *-opla* associado ao substantivo “*mão*” sugeriu todo esse efeito de espanto perante à enormidade das mãos de José Gomes.

- 4) “(...) onde as paixões se ascendem com a prontidão do raio” (p.23).

O sufixo *-ão* contribui com o vocábulo “*pronto*”, para exprimir a idéia de rapidez.

Verifica-se, atualmente, uma propensão a empregar o sufixo de aumentativo *-ão* quando se pretende denominar produtos e estabelecimentos comerciais

(Atacadão, Importadão, Lojão, Varejão).

6. Considerações finais

Como já dissemos anteriormente, é possível extrair da língua recursos estilísticos para carrear nossas mensagens de emoção e de surpresa. Para tanto, basta elaborar, um pouco mais, o que pretendemos expressar, como nos ensina Drummond:

“Penetra surdamente no reino das palavras.

.....

..

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”

Assim, acreditamos que o ensino de língua materna, no tocante ao processo de formação de palavras - sobretudo o de derivação sufixal - pode e deve levar em conta o aspecto estilístico que, em verdade, apresenta muito mais rendimento e funcionalidade do que o enfoque tradicional.

7. Referências bibliográficas

- [1] DUBOIS, Jean et. al. *Dicionário de lingüística*. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1993.
- [2] LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- [3] MARTINS, Nilce Sant’anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: EDUSP, 1989.
- [4] TÁVORA, Franklin. *O cabeleira*. 5. ed., São Paulo: Ática, 1988.